

Alex Ratts

Professor Doutor do LaGENTE/IESA/UFG  
alex.ratts@uol.com.br

José Paulo Teixeira

Professor e Mestre do LaGENTE/IESA/UFG  
jopate70@yahoo.com.br

---

## Afoxé Axé Omo Odé: o “Candomblé de rua” em Goiânia

### Resumo

No presente artigo, apresentamos o afoxé como expressão cultural e espacial, as relações entre o terreiro e a cidade, e, por fim, o vínculo entre diversas culturas negras. Esta comunicação é fruto de duas pesquisas que se complementam: uma que focaliza a relação entre o candomblé e o espaço público, que por sua vez se insere no projeto de pesquisa “Trajetórias e territorialidades negras”. Os afoxés são grupos carnavalescos, ligados a religiões afro-brasileiras, particularmente o candomblé, e existem em todo o território nacional, com uma concentração nos estados de Bahia e Pernambuco. O afoxé Axé Omo Odé, da cidade de Goiânia, estado de Goiás, criado em 1990 e reconstituído em 2008, parece estar relacionado a um processo de afirmação destas religiões e também a outras culturas negras como a capoeira e a congada. Em seus cortejos o afoxé se torna um território móvel e contribui para constituir e consolidar “geossímbolos” na cidade.

**Palavras-chave:** afoxé, candomblé, carnaval.

### Abstract

“AFOXÉ AXÉ OMO ODÉ”: THE “CANDOMBLÉ STREET” IN GOIÂNIA

In this article we present the *afoxé* as cultural expression and spatial, the relations between the *terreiro* (Afro-Brazilian temple) and the city, and, finally, the link between some black cultures. This communication is the result of two complementary researches: one that focuses on the relationship between *candomblé* and public space, which in turn is part of the research project “Black trajectories and territorialities “. The *afoxés* are carnival groups, linked to Afro-Brazilian religions, particularly the *candomblé*, and exist throughout the national territory, with a concentration in the States of *Bahia* and *Pernambuco*. The *Afoxé Axé Omo Odé*, da

cidade de Goiânia, State of Goiás, created in 1990 and reconstituted in 2008 seems to be related to a process of affirmation of these religions and other cultures black as *capoeira* and *congada*. In their routes the *afoxé* becomes a mobile territory and contributes to establish and consolidate "geo-symbols" in the city.

**Key-words:** afoxé, candomblé, carnival.

## 1. Introdução

"Virá que eu vi.  
O axé do Afoxé Filhos de Gandhi"  
(Caetano Veloso)

"Afoxé: a meditação de rua da nossa gente"  
(Gilberto Gil)

Desde a primeira metade do século XX e, sobretudo, a partir dos anos 1970, em Salvador, posteriormente no Rio de Janeiro, em Recife, São Paulo e em todas as regiões do país, há grupos autodenominados de afoxés que saem às ruas no período do carnaval e se apresentam em outras épocas do ano, especialmente em eventos ligados às culturas e aos movimentos negros. Em face disso, os afoxés são identificados na contemporaneidade como grupos negros e/ou vinculados a comunidades religiosas de matriz africana, particularmente o candomblé.

Nas ruas da cidade de Goiânia, o grupo cultural denominado Afoxé Axé Omo Odé, criado em 1990 e reestruturado em 2008, desfila no carnaval e também se apresenta em outras datas e locais, indicando sua relação com as casas de candomblé e umbanda, mas também com a capoeira, a congada e com o movimento negro.

Neste artigo discutimos a diferenciação entre este e outros grupos carnavalescos, particularmente os maracatus e os blocos afro, e nos detemos no afoxé de Goiânia como expressão cultural e espacial, nas relações entre o terreiro e a cidade, e, por fim, no vínculo entre culturas negras em Goiás.

Este trabalho é fruto de duas pesquisas que se complementam: uma de mestrado (TEIXEIRA, 2009) que focaliza a relação entre o candomblé e o espaço público em Goiânia, que por sua vez se insere no projeto coletivo de pesquisa "Trajetórias e territorialidades negras" (RATTS, 2008)<sup>1</sup>. Durante a fase conjunta de campo acompanhamos o retorno do afoxé às ruas da cidade e participamos de vários ensaios e apresentações.

## 2. Afoxé: sentidos de uma expressão cultural e religiosa negra em movimento

Os afoxés são grupos carnavalescos ligados em geral ao candomblé e outras religiões de Matriz Africana que podem se apresentar em outros momentos. Em estudo realizado para a FUNARTE, Lody (1976, p.3) delinea uma das principais definições desta expressão cultural:

Afoxé é um cortejo de rua que tradicionalmente sai durante o carnaval de Salvador, Fortaleza e Rio de Janeiro. É importante observar nessa manifestação os aspectos místico, mágico e, por conseguinte, religioso. Apesar dos afoxés apresentarem-se aos olhos dos menos entendidos como simples bloco carnavalesco, fundamentam-se os praticantes em preceitos religiosos ligados ao culto dos orixás, motivo primeiro da existência e realização dos cortejos. Por isso, afoxé também é conhecido e chamado por Candomblé de rua.

A partir deste autor, muitos estudiosos costumam tomar como referência para os afoxés as primeiras aparições de agremiações como a Embaixada Africana, os Pândegos da África e outros grupos nos carnavais de Salvador na década de 1890, trazendo elementos do candomblé, como cânticos em dialetos africanos, uso de instrumentos musicais (atabaques, agogôs, cabaças etc.) e a utilização de símbolos (LODY, 1976, p. 3-6).

Como tais grupos não foram em geral identificados por esta denominação há autores/as que recusam esta referência como Lima (2009a, p. 148):

(...) nada nos autoriza a afirmar que um clube, com enredo, tema e carros alegóricos, pudesse ser chamado por afoxé. Se assim o fosse, 'o primeiro afoxé' não seria em nada parecido com os atuais grupos tidos por 'tradicionais'.

O que este autor quer dizer é que o cortejo daqueles grupos incluía personagens e alegorias que não se encontram nos afoxés contemporâneos, como rei, rainha e guarda de honra, mais comuns em congados e reinados. Além disso, como história, ele se preocupa com a busca por uma origem que inúmeros grupos culturais empreendem.

Em estudo recente para reconhecimento do "desfile de afoxés" como bem cultural a ser incluído no Livro Especial de Registro de Eventos e Celebrações do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC),

os/as autores/as corroboram esta interpretação (IPAC, 2010). Ao acrescentar outras fontes, indicam que os grupos do final do século XIX se parecem com os atuais pelo fato de serem clubes carnavalescos negros que trazem referências à África (ou a traços culturais e religiosos africanos) em seus nomes e nos elementos musicais e cênicos. No entanto, são chamados de “candomblés”, ou seja, grupos ligados ao candomblé que saíam às ruas no carnaval. Parece ser daí que vem a expressão “candomblé de rua” usada por Nina Rodrigues (2008, p. 169), que também retratou um dos grupos como um “candomblé colossal a perambular pelas ruas da cidade”.

Algumas acepções do termo afoxé, bastante contraditórias, vêm de estudiosos das culturas negras no Brasil. Lody (1976, p. 31) diz que “o termo em Yorubá significa divinação”. Em pesquisas realizadas com informantes, outros significados foram atribuídos ao tema, tais como: qualidade de folha, pomba, feitiço, instrumento musical, cortejo de carnaval ou pândega de carnaval”. Risério (1981, p. 12), a partir de fontes africanas, afirma:

Literalmente traduzida, então, a expressão ‘afoxé’ significa: a enunciação que faz (alguma coisa) acontecer. Ou numa tradução mais poética, a *fala que faz*. Escreve Olabiyi: ‘afoxé, em iorubá, significa, pois, encantamento, palavra eficaz, operante’. Outras palavras: fórmula mágica.

O autor infere que uma mudança de sentido se processou nos afoxés: uma ação dos grupos de candomblé no carnaval baiano antigo que se baseava num princípio da religião dos orixás – a palavra eficaz ou a fala que faz – tornou-se a própria denominação dos grupos. Lopes (2004, p. 33) retoma este sentido:

Cortejo carnavalesco de adeptos da tradição dos orixás, outrora também chamada de ‘candomblé de rua’. O termo se origina do ãfose (‘encantação’, ‘palavra eficaz, operante’) e corresponde ao afro-cubano afoché, cujo significado seria ‘pó mágico’: ‘enfeitiçar com pó’, ‘jogar um atim’. E assim se explica a origem histórica do termo: os antigos afoxés procuravam encantar os concorrentes.

Em nossa aproximação com o afoxé de Goiânia não observamos nenhuma destas acepções que remetem à etimologia do termo, o que não quer dizer que não existam. Por isso, optamos por tratá-lo como um grupo criado para levar ao carnaval elementos do candomblé e de outras culturas negras, sem nos atermos a eventuais significados atribuídos ao termo.

Por fim, cabe dizer que afoxé é também um instrumento musical percussivo artesanal ou industrial, utilizado em muitos ritmos afro-brasileiros.

Segundo os estudos consultados, teriam sido criados na Bahia, levados para o Rio de Janeiro, recriados em Pernambuco e em outros estados de norte a sul do país. Podemos ver na figura 1 a distribuição espacial dos afoxés no Brasil, segundo levantamentos que realizamos em perfis e “comunidades” na rede mundial de computadores, apontando sua existência em todas as regiões.

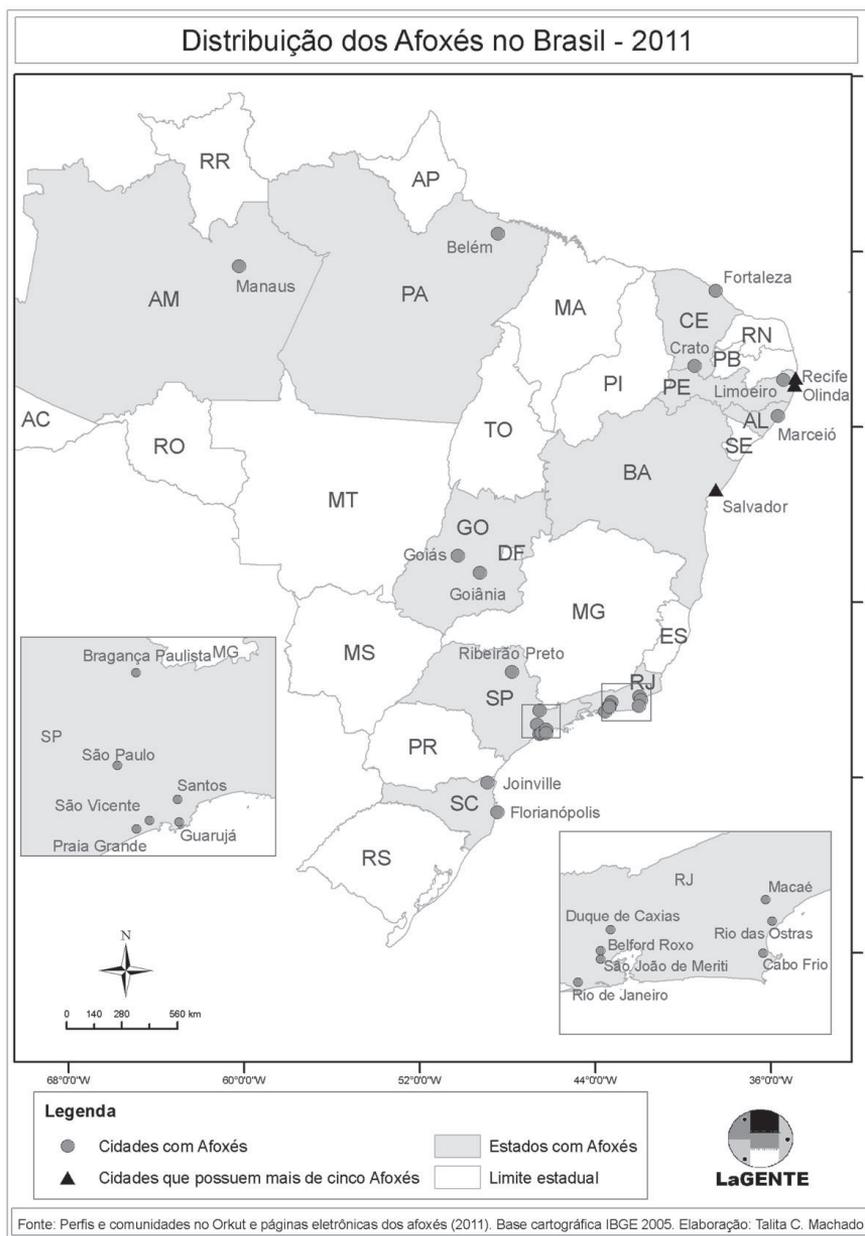
Conforme o mapa da figura 1, é notória a concentração em Salvador e Recife-Olinda, o que se deve à área de formação e expansão inicial desta expressão cultural. No caso do Rio de Janeiro, observamos também uma aglutinação na capital e na Baixada Fluminense e outra na chamada “região dos Lagos”. Em São Paulo, destacamos a relação entre a capital e a denominada “microrregião” de Santos. Vemos que a distribuição espacial, de Belém a Florianópolis, se localiza em áreas litorâneas. No entanto, nos limites desse artigo, não temos uma hipótese que apóie uma explicação para a formação em cada estado. Para tanto, seriam necessários estudos em escalas locais e regionais.

### **3. Afoxé Axé Omo Odé: o candomblé de rua em Goiânia**

O candomblé é praticado em Goiás desde os anos 1960 com a chegada de João Martins Alves, conhecido como Pai João de Abuque, oriundo de Juazeiro da Bahia, iniciado primeiramente na nação angola e depois, também, na nação keto. Mais formalmente, considera-se a formação do candomblé, a partir de 1972/3, com a fundação, também por ele, da Casa Pena Branca no Setor Pedro Ludovico, posteriormente denominada Ilê Ibá Ibomim<sup>2</sup>. Antes, em 1969, Luiz Fernandes Salles do Centro Espírita Anjo Ismael, Geraldina Barbosa do Centro Espírita São Sebastião e outros/as líderes religiosos/as de “centros” e “terreiros” criam a Federação de Umbanda do Estado de Goiás, a FUEGO (RICARDO, 2008; NOGUEIRA, 2009).

O setor Pedro Ludovico fica na região sul do município de Goiânia. Nos anos 1970 era uma área de ocupações, de posseiros. O bairro e a região congregam vários espaços negros, terreiros de umbanda e candomblé,

**Figura 1**  
DISTRIBUIÇÃO DOS AFOXÉS NO BRASIL



Fonte: Perfis e comunidades no Orkut e páginas eletrônicas dos afoxés.

lojas de artigos religiosos deste segmento (RICARDO, 2008), além de duas escolas de samba: Brasil Mulato, no Setor Pedro Ludovico, e Beija Flor, no Setor sul.

Nos anos 1980, a Casa de Pai João de Abuque adquire relativa visibilidade para determinados segmentos da sociedade goiana como a mídia local (FARIA, 1983; LOUISE, 1987) e ele se torna reconhecido como líder religioso na cidade e no estado. No seu circuito de relações, há pessoas ligadas à umbanda, à capoeira, às congadas<sup>3</sup> e ao movimento negro nascente<sup>4</sup>.

É nesse contexto que ele cria, junto com outras lideranças da cultura afro-brasileira, o Afoxé Axé Omo Odé para desfilarem no carnaval da capital representando as religiões e culturas afro-brasileiras. Na ocasião, segundo depoimento do Ogã Mestre Luizinho (Luis Lopes Machado, atual dirigente do grupo): “a ideia desse afoxé foi justamente para resgatar esse trabalho, levar essa cultura da casa para a rua, abrir o carnaval também em Goiânia desfilando na avenida”.

Segundo relatos orais, em 1990, o Afoxé chegou a realizar ensaios, mas não desfilou pelas ruas da cidade. Sua aparição ao público goianiense só veio a se confirmar no ano de 1991, no carnaval realizado pela prefeitura na Praça do Trabalhador no centro da cidade. Nos dois anos seguintes, no mesmo local e fazendo o mesmo trajeto, o grupo novamente participou dos cortejos carnavalescos. Por falta de incentivos e patrocínio da prefeitura para organizar os carnavais seguintes, o afoxé se afastou das ruas e parou também com os ensaios.

Ainda de acordo com o dirigente, o nome criado para o grupo, que numa tradução livre pode significar “a força dos filhos de Oxossi”, resulta de sua vinculação ao terreiro assentado para este orixá. Nesse sentido, o Afoxé Axé Omo Odé, assim como o Ilê Iba Ibomin, é governado por Oxossi – a divindade das matas, da caça e dos caçadores. No entanto, a figura que está no estandarte é um Oxossi Inlé, um menino adolescente que derrota um pássaro ameaçador com sua única flecha (VERGER, 1992, p. 112-113).

Algumas imagens do Afoxé Axé Omo Odé nas ruas de Goiânia ilustram a composição e os elementos que esse grupo traz para o espaço público (figuras 2 e 3).

Na figura 2 se vê que indumentária do líder e das mulheres – batatas, gorro (*eketê*) e turbante (*ojá*) – remete ao que se conhece nas casas de axé

**Figura 2**

PAI JOÃO DE ABUQUE E O AFOXÉ NO CARNAVAL DE GOIÂNIA, ANOS 1990



Fonte: acervo do Ilê Iba Ibomim. Sem autoria identificada.

**Figura 3**

ALGUNS COMPONENTES DO AFOXÉ NO CARNAVAL DE GOIÂNIA, ANOS 1990



Fonte: acervo do Ilê Iba Ibomim. Sem autoria identificada.

e no movimento negro como “roupa afro” e que, no contexto do carnaval, alguns/as observadores/as podem entender como “fantasias”. Os homens portam roupas brancas – camisa de mangas compridas, calça, chapéu e sapatos. Na figura 3 identificamos Durval Martins (ogã do Iba Ibomim, conhecido como Mestre Goyano da capoeira angola), Antônio Alves, irmão de Pai João de Abuque, Mário Roberto dos Santos Dias (Mestre Zumbi, da capoeira regional) e Lázaro Eurípedes Silva (também chamado de Mancha Negra, Capitão de Terno de Moçambique e sacerdote da umbanda). À época, o desfile do carnaval de Goiânia acontecia na chamada Praça do Trabalhador ou Praça da Estação, um dos marcos da cidade, um geossímbolo (BONNEMAISON, 2002), que rememora a existência de uma estação ferroviária no local.

Com a morte de Pai João de Abuque em setembro de 2006, o Ilê Iba Ibomin ficou fechado até novembro de 2007. No processo de reabertura da casa, o Ogã Mestre Luizinho, que também é mestre de capoeira, professor de música e ativista do movimento negro goiano, se tornou um dos dirigentes do Ilê Ibá Ibomin, junto com o babalaxé<sup>5</sup> Stive Rodrigues e retomou o afoxé no ano seguinte (TEIXEIRA, 2009).

No cortejo de 13 de maio de 2008, no centro da cidade, por ocasião da rememoração dos 120 anos da abolição da escravidão no Brasil e também dia nacional de combate ao racismo, vimos pessoas de todos os grupos citados acima, especialmente de casas de candomblé e umbanda, como da capoeira e do movimento negro, a maioria delas vestida de branco.

Na figura 4 dois yaôs de outras casas, em seu traje e sua coreografia, fazem alusão a Oxossi e Ogum ao lado do estandarte do afoxé. Em segundo plano, líderes e integrantes de casas de candomblé e umbanda. Na figura 5 vê-se um conjunto de baianas, várias das quais são do Ilê Ibá Ibomin.

Após este evento, o Afoxé Axé Omo Odé realizou várias apresentações nos últimos anos. Aqui nos deteremos nos cortejos realizados durante o carnaval por nós presenciados. Devemos dizer que a “passarela” do carnaval, situada na área central de Goiânia, aproveita um trecho da Avenida Araguaia entre o Parque Mutirama e o Bosque Botafogo<sup>6</sup> tendo um palco ao final, fechando um trajeto curto.

Em 2009, além dos músicos, o grupo se apresentou basicamente com um porta estandarte, uma ala de baianas e acompanhantes, cantando sua

**Figura 4**  
GRUPO DE DANÇA, ESTANDARTE E INTEGRANTES DO AFOXÉ AXÉ OMO ODÉ - 2008



Foto: TEIXEIRA, J. P. 2008.

**Figura 5**  
"BAIANAS" DO AFOXÉ AXÉ OMO ODÉ - 2008



Foto: TEIXEIRA, J.P. 2008.

canção principal – *Omorodé me chamou* – e outras relacionadas a orixás e caboclos. No cortejo carnavalesco de 2010, também realizado no sábado, antecedendo as escolas de samba, o Axé Omo Odé contou com cantores e músicos (figura 6), um grupo de dança com 3 bailarinos fazendo referência a Oxossi, Iansã e Oxum (figura 7) e a costumeira ala das baianas (figura 8).

**Figura 6**

GRUPO MUSICAL DO AOXÉ OMO ODÉ NO CARNAVAL DE GOIÂNIA - 2010



Foto: TEIXEIRA, J. P. 2010.

**Figura 7**

GRUPO DE DANÇA DO AFOXÉ OMO ODÉ NO CARNAVAL DE GOIÂNIA - 2010



Foto: TEIXEIRA, J. P. 2010.

**Figura 8**

"BAIANAS" DO AFOXÉ OMO ODÉ NO CARNAVAL DE GOIÂNIA - 2010



Foto: TEIXEIRA, J. P. 2010.

Nos dois anos citados, a falta de um carro de som que coubesse os músicos criou dificuldades técnicas para sua apresentação. Ao final, o grupo fez alguns minutos de samba de roda que, de fato, animaram o público presente.

Devemos mencionar que o carnaval de rua goianiense, composto basicamente de escolas de samba, é citado como um evento recente, datado dos anos 1970. Algumas escolas atuais foram criadas nos anos 1980. Atualmente, o carnaval de rua de Goiânia é um evento de poucos e pequenos grupos carnavalescos com uma política cultural incipiente, com quase nenhuma visibilidade na mídia local.

A principal canção do Afoxé Axé Omo Odé, intitulada *Omorodé me chamou*, composição do Ogã Risco de Santarém, indica o vínculo do afoxé com o Candomblé e, mais especificamente, com o Ilê Iba Iboin:

“Ê, omorodé me chamou  
Ê, omorodé me chamou,

Lá no Ilê vai ter batucajé  
Pai João sempre dizia que ele mesmo fazia,  
Mas Gongobira foi quem plantou todo esse axé.

Quem manda no meu Ori,  
É do Oxossi  
O canto que sai daqui  
É do Oxossi

Omorodé me chamou,  
Hoje tem batucajé,  
Por isso é que eu vim aqui  
Cantar o meu afoxé”

Respondendo ao chamado de Oxóssi, e remetendo-se à festa no terreiro – o batucajé<sup>7</sup> – o afoxé rememora seu criador e outros nomes da entidade que presidem a casa e o grupo, como Omorodé e Gongobira<sup>8</sup>, reiterando que quem dirige a cabeça, o Ori, de seus integrantes é ele. É com essa força, esse axé, plantado no ilê, que o afoxé sai às ruas cantando na cadência do ijexá, ritmo dedicado aos orixás Oxalá, Oxum e Logunedé.

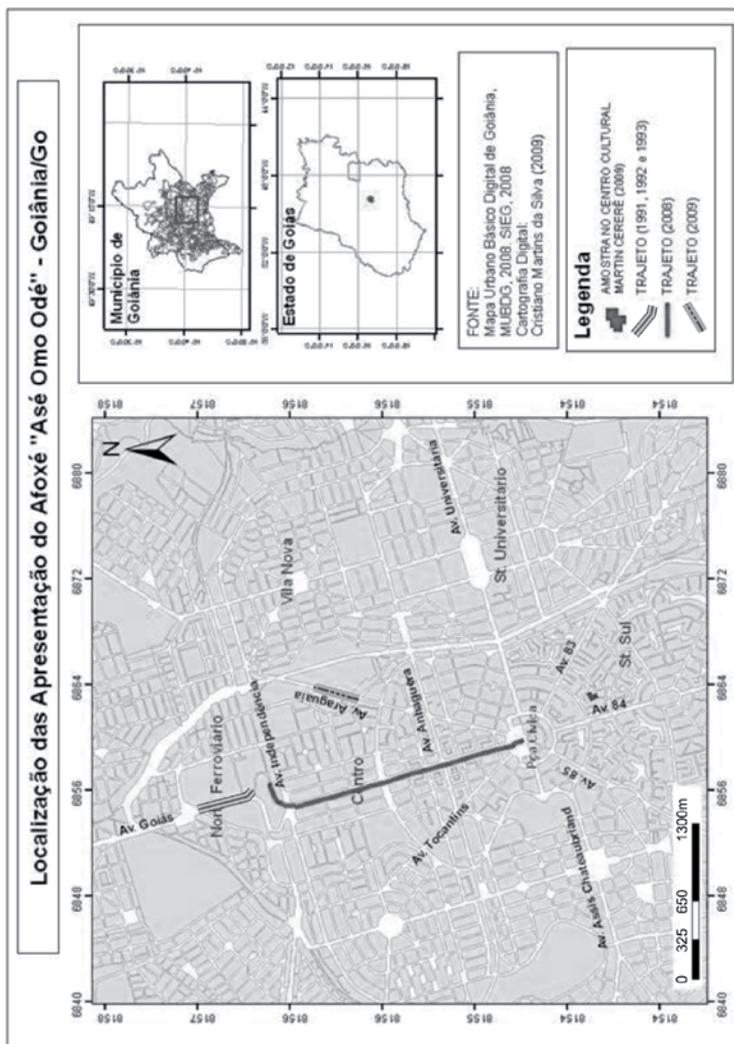
Em consonância com os afoxés contemporâneos, dirigentes e integrantes do Axé Omo Odé reafirmam seu vínculo com o candomblé, mas nas apresentações atuais vão reconstruindo e explicitando a relação com a umbanda, a capoeira, o movimento negro e mais recentemente a congada.

Nas apresentações do carnaval de 2009 e 2010, percebemos que, num primeiro momento, parte do público estranhou a chegada do afoxé. Certo silêncio se fez. No entanto, com as primeiras músicas, algumas delas conhecidas na música popular brasileira, o grupo dançou e animou a platéia, sendo que, notoriamente, seus participantes também se divertiram. Este momento, de uma pequena apoteose, se assemelha àqueles que os(as) integrantes do grupo compartilham nos círculos de samba de roda na cidade, a exemplo do Batucagê antes referido.

É notório que o Afoxé Axé Omo Odé se diferencia das escolas de samba e blocos locais em face de composição, ritmo, indumentária e canções. Quem está na platéia e pertence a uma comunidade religiosa afro-brasileira também percebe que ali estão referências a entidades desses cultos, como orixás e caboclos. Quem não pertence a estes círculos pode reconhecê-los em parte, porque há uma divulgação difusa destas religiões através dos meios de comunicação e particularmente pela chamada “música popular brasileira”, que traz algumas destas simbologias, o que não implica necessariamente em valorização social deste universo cultural.

O mapa da figura 9 assinala os percursos que o Afoxé Omo Odé realizou na área central da cidade de Goiânia até o ano de 2009, cujo trajeto se repetiu em 2010.

**Figura 9**  
LOCALIZAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES DO AFOXÉ "ASÉ OMO ODÉ" EM GOIÂNIA



Fonte: Grupo Afoxé "Asé Omo Odé" - 2009.

O local e o trajeto também relembavam a caminhada dos Pretos Velhos que a Federação de Umbanda do Estado de Goiás realizava naquela área de Goiânia. Observamos que o afoxé se reconstitui numa superposição de tempos e espaços retomando momentos e locais de referência do carnaval, do candomblé, da umbanda, dos migrantes que viajaram e chegaram pelas estações ferroviária e rodoviária e recriaram várias tradições culturais negras na cidade jovem, fundada em 1933, ou seja, uma cidade que ainda não completou um centenário de existência.

#### **4. O Axé Omo Odé e os afoxés contemporâneos: religião, cultura e identidade**

Nos ensaios, nas apresentações carnavalescas e nos cortejos no bairro, o axé Omo Odé, além das canções para orixás e caboclos, entoa canções dos afoxés e blocos afro nordestinos, a exemplo de canções dos Filhos de Gandhi, do Ilê Aiyê e do Oxum Pandá (Recife); também canções da chamada música popular brasileira, a exemplo de composições de Gilberto Gil e Yvone Lara. Os corridos – cantos – da capoeira também são entoados para marcar a memória de capoeiristas como os Mestres Bimba<sup>9</sup> e Pastinha. A novidade foi a introdução de uma canção das congadas para a caminhada de setembro de 2010. Além disso, o afoxé marcou um dos seus ensaios para 20 de novembro do mesmo ano, dia nacional da consciência negra.

A recriação dos afoxés baianos, pernambucanos, paulistas e de outros estados nos anos 1970 e 1980 se enquadra no processo de “reafricanização” da identidade racial negra e religiosa afro-brasileira e do próprio carnaval (RISÉRIO, 1981; LIMA, 2009b). Este processo compreende a retomada de elementos culturais – ritmos, narrativas, personagens, vestuários – considerados pelos próprios grupos como referências da diáspora africana.

O afoxé de Goiânia, criado em 1990 e recriado em 2008, se relaciona ao processo de afirmação das religiões de matriz africana – líderes e integrantes do candomblé e da umbanda – também vinculados à capoeira (regional e angola) e à congada, ou seja, à afirmação das culturas e religiões negras (ou afro-brasileiras para alguns/umas) na cidade sertaneja<sup>10</sup>. Observamos que este é um período de visível intolerância religiosa, particularmente

de pessoas e grupos evangélicos contra as religiões de matriz africana em grande parte do território brasileiro.

Os terreiros de candomblé são apontados, em geral, como locais de referência para os afoxés. Por sua vez, os afoxés cumprem um papel de divulgação da religião dos orixás (e dos caboclos, no caso do Axé Omo Odé) no carnaval e em outros momentos não religiosos do calendário.

À semelhança de outros afoxés (LODY, 1976), em todos os cortejos, antes de sair pelas ruas, os líderes do Ilê Ibá Ibomim fazem uma oferenda, um *padê*, para o orixá Exu, símbolo dos locais de passagem e força, das transformações: “Temos que pedir licença pra Exu, ele que é o dono da rua, nós fazemos uma oferenda antes de sair (...). Isso tem que ser feito toda vez que vamos sair para apresentar. Qualquer coisa que for fazer no espaço dele, tem que fazer primeiro essa oferenda” (Mestre Luizinho, entrevista). O *padê* pode ser feito em rito interno na casa do Exu do terreiro ou na rua em frente ao Ilê, a exemplo da 3ª Caminhada em homenagem aos mestres da tradição afro-brasileira em setembro de 2010, quando o ritual foi acompanhado de canções para a divindade mencionada.

Como no Candomblé, as pessoas do Afoxé também têm funções definidas. Lody (1976, p. 11), a esse respeito, vai dizer que:

Cada integrante do afoxé deverá desempenhar um papel preestabelecido pelas próprias necessidades do cortejo. Os instrumentistas invariavelmente são os mesmos que executam nos terreiros os ritmos litúrgicos. Conhecedores dos toques de atabaques e das melodias em línguas africanas, esses músicos constituem esteio e base do afoxé. O porta-estandarte também é pessoa conhecedora dos fundamentos religiosos do afoxé (...). O pavilhão do afoxé só pode ser carregado e tocado por homens.

As funções que Lody destaca também recebem no Afoxé Axé Omo Odé, em geral, as mesmas regras. No caso dos músicos, nos cortejos públicos, é possível que alguns meninos, jovens ou adultos que não são ogãs toquem os xequerês e agogôs. As mulheres do Afoxé de Goiânia, dentre as quais algumas são *yaôs* e *abiãs* do terreiro, compõem a “ala das baianas”, responsáveis pelas coreografias junto com o grupo de dança. O dirigente indica que outra função masculina é a de portador do estandarte nos desfiles do grupo. Um das variações às regras gerais é que, segundo o

dirigente, no Axé Omo Odé, as mulheres podem também tocar agogô ou xequerê, mas nunca os atabaques<sup>11</sup>.

O afoxé Axé Omo Odé, ao final de várias de suas apresentações e ensaios, toca sambas de roda que, por sua vez, também são cantados em determinadas cerimônias no terreiro. Deste ponto de observação, a relação entre o afoxé e o terreiro vai se tornando muito complexa. O terreiro como templo não é somente lócus, local. No dizer de Aureanice Corrêa (2006), com base em Bonnemaison (2002), o terreiro se insere num modelo geossimbólico, num quadro territorial repleto de símbolos, tornando-se ele mesmo um geossímbolo pela ação humana de significar o espaço.

Na sua territorialidade móvel (CORRÊA, 2006) o afoxé leva o nome e as referências do terreiro e da religião. Parte de seu grupo social também se recria nos cortejos com as baianas, os músicos e o grupo de dança, com coreografias que remetem às danças de orixás, particularmente de Oxossi e Oxum, mas também de Oxalá, e dos caboclos.

Com sua performance, o Axé Omo Odé torna-se o candomblé de rua na capital goiana. A rua é então, assim, para o afoxé, uma extensão do território-terreiro, pois ali, no momento do desfile, grande parte dos integrantes aproveita para cantar, brincar e dançar em homenagem aos orixás.

Cabe ressaltar que o carnaval de rua em Goiânia é realizado por poucos grupos dentre blocos e escolas de samba que não têm maiores apoios institucionais. O afoxé tem se apresentado na abertura dos cortejos a convite de organizadores e com certo destaque na imprensa local. Neste caso, as expressões populares e/ou afro-brasileiras são núcleos de resistência cultural em uma área de reconhecida tendência musical caipira e sertaneja.

O espaço urbano da capital vai se tornando parte de uma cartografia das manifestações culturais e, em especial, das expressões afro-brasileiras como a congada, a capoeira, o candomblé, sintetizadas nas apresentações do Afoxé Axé Omo Odé. Sua dimensão ganha sentido não apenas no estar na rua para desfilar para o público, mas também no de transcender os muros dos terreiros e levar consigo seus modos culturais religiosos, estabelecendo, dessa forma, uma marca cultural numa sociedade na qual os padrões ainda permanecem orientados predominantemente pela cultura cristã e pela música sertaneja e outros ritmos “pop”.

## Notas

<sup>1</sup> Este projeto compreende estudos individuais em nível de graduação, mestrado e doutorado e outros realizados em grupo abrigados no Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás (La-GENTE/IESA/UFG). No estudo em pauta, no tocante à aproximação com o afoxé, cabe informar que um pesquisador era exterior (José Paulo Teixeira) e outro (Alex Ratts) tornou-se integrante do Afoxé Omo Odé colaborando na parte musical e na organização do cortejo até 2012.

<sup>2</sup> Os dirigentes do Ilê Iba Ibomin, à época do estudo, assumiam o pertencimento à nação nagô vodun.

<sup>3</sup> Na memória dos congadeiros/as de Goiânia esta expressão cultural é praticada desde os anos 1940. Pesquisa de Alex Ratts e Adriane A. Damascena em: RIOS; RATTTS, 2008.

<sup>4</sup> No final da década mencionada há em Goiânia núcleos das seguintes entidades nacionais: Grupo de União e Consciência Negra, Movimento Negro Unificado e Agentes de Pastoral Negros.

<sup>5</sup> Cargo equivalente a “babalorixá”. Sua função é a de zelar pelo “axé” da casa (VERGER, 1992).

<sup>6</sup> É uma área que à época da pesquisa concentrava uma sauna “gay” (Músculo & Poder), uma casa de dança (Cantoria) com frequênciação de maioria heterossexual, dois bares (Primo Rico e Bar Araguaia) que abrigavam um público LGBT (SOUZA, 2005) e outros segmentos. Era também o local de saída e de encerramento da Parada LGTBTT de Goiânia. Portanto, é outro geossímbolo.

<sup>7</sup> O Grupo de Capoeira Angola Barravento, coordenado por Mestre Goyano, também realiza um “batucagê”, evento mensal que congrega capoeiristas, candomblecistas, ativistas negros(as), dentre outros segmentos e conta com expressões culturais “como dança afro, maculelê, samba de roda, narrativas de contos africanos e discussões acerca da temática racial” (RICARDO, 2008, p. 24).

<sup>8</sup> Gongobira ou Congobila é uma divindade caçadora para o candomblé de nação angola (LOPES, 2005, p. 82-83).

<sup>9</sup> Codinome de Manuel dos Reis Machado, pai do ogã Mestre Luizinho. Era também ogã-alabê do candomblé de caboclo. Veio de Salvador para Goiânia em 1973 e faleceu no ano seguinte (SODRÉ, 2002, p. 93). A Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Mestre Bimba, dirigida também por Mestre Luizinho, realiza atividades e eventos ligados à capoeira, ao afoxé e outras expressões culturais negras no espaço do terreiro, na rua em frente e em outros locais.

<sup>10</sup> Na cidade de Goiás há o Afoxé Aiyó Delê (FERRACINI; MAIA, 2010) e nela também, em 2010, foi criado o bloco Pilão de Prata também referenciado na religião dos orixás.

<sup>11</sup> A descrição e interpretação dos rituais realizados no terreiro excedem o escopo deste artigo. Cabe dizer que, nos xirês (toques regulares) do candomblé no Ilê Ibomin, estes instrumentos marcam uma possibilidade de aproximação de meninos e adolescentes com a religião e sua música. Nas cerimônias do candomblé desta casa, como é norma em outros terreiros, as mulheres não tocam nenhum instrumento musical. Há também interdições rituais para os homens.

## Referências

ARAI, Yoshihiro. O carnaval do Recife e a formação do folclore negro no Brasil. **Senri Ethnological Reports**, n. 1, p. 115-138, 1994.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia Cultural: Um Século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.

CORRÊA, Aureanice de Mello. O Terreiro de Candomblé: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.51-62, 2006. Disponível em: <<http://www.tecap.uerj.br>>. Acessado em 31/01/2011.

DIAS, Luciene. **De perto e de dentro**: povo do Axé tem licença do senhor dos caminhos. Publicado em 24/09/2010. Disponível em: <<http://colofe.blogspot.com/>>. Acessado em 31/01/2011.

FARIA, Susan. **Candomblé**: a preservação de uma cultura africana. Goiânia, Diário da Manhã. 1983.

FERRACINI, Rosemberg; MAIA, Carlos Eduardo S. Leitura sobre o negro na cidade de Goiás a partir da capoeira angola. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 30, n. 1, p. 141-154, jan./jun. 2010.

IPAC. **Desfile de Afoxés**. Salvador: IPAC, 2010.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade. **Topoi**, v. 10, n. 19, p. 146-159, jul.-dez. 2009a.

\_\_\_\_\_. Afoxés: manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos afoxés. **Esboços**, v. 16, n. 21, p. 89-110, 2009b.

LODY, Raul G. **Afoxé**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1976

LOPES, Nei. A presença africana na música popular brasileira. **Espaço Acadêmico**, n. 50, 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/050/50clopes.htm>>. Acessado em 3/01/2011.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Novo dicionário banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LOUISE, Gina. No reino dos orixás. **Novos Dias**, Goiânia, ano II, 1987, p. 44-46.

MAIA, Carlos Eduardo S. O lugar do bairro no mundo do samba. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTIS, Alecsandro J. P. (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Editora Alternativa, 2003. p. 185-206.

MORALES, Anamaria. Blocos negros em Salvador: reelaboração cultural e símbolos de baianidade. **Caderno CRH**, Suplemento, 1991, p. 72-92.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **Umbanda em Goiânia**: das origens ao movimento federativo (1948-2003). Dissertação de mestrado em História. Goiânia: FCHF-UFG, 2009.

QUERINO, Manuel. **A raça africana e os seus costumes na Bahia**. Salvador: Livraria Progresso, 1958.

RATTS, Alecsandro J. P. **Trajetórias intelectuais e territorialidades negras**. Projeto de pesquisa. Goiânia, LaGENTE/IESA/UFG, 2008 (mimeo).

RICARDO, Raquel Pinto Fabeni. **Entre Caminhos, Fluxos e Interdições**: mapeando o campo religioso negro na região sul de Goiânia. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Goiânia: FCHF/UFG, 2008.

RIOS, Sebastião; RATTS, Alex. **Inventário e Documentação das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás**. Brasília/Goiânia: IPHAN/UFG, 2008 (mimeo).

RISÉRIO, Antônio. **Carnaval ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.

\_\_\_\_\_. Carnaval: as cores da mudança. **Afro-Ásia**, n. 16, p. 90-106, 1995.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mestre Bimba, corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOUZA, Alemar Moreira. **O espaço que ousa dizer seu nome**: territórios GLTBS de Goiânia. Dissertação de mestrado em Geografia. Goiânia: IESA-UFG, 2005.

TEIXEIRA, José Paulo; RATTS, Alex. **Afoxé Asé Omo Odé**: a cultura afro-brasileira na rua. Publicado em 17/09/2009. Disponível em: <<http://colofe.blogspot.com/>>. Acessado em 31/01/2011.

TEIXEIRA, José Paulo. **Paisagens e territórios religiosos afro-brasileiros no espaço urbano**: terreiros de candomblé em Goiânia. Dissertação de mestrado em Geografia. Goiânia: IESA-UFG, 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**: deuses iorubas na África na África e no Novo Mundo. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1992.

Recebido em: 01/02/2014

Aceito em: 22/04/2014

